

INCLUSÃO: UM DESAFIO PARA O SISTEMA DE ENSINO

Nair Neriane de Carvalho*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as dificuldades e desafios que a inclusão escolar tem enfrentado no meio educacional e social. Também procura mostrar o despreparo dos profissionais da área e a inadequação dos espaços físicos tanto das instituições de ensino como da sociedade. Aos olhos de alguns estudiosos inclusivos, a sociedade é considerada exclusiva, pois não está preparada para atender os portadores de necessidades especiais.

Palavras-chave: inclusão; educação; sociedade.

ABSTRACT

This article has how goal I'm to present the difficulties and challenges what the school inclusion has been facing in the education and social environment. Also it tries to show the lack of preparation of the professionals of the area and the inadequacy of the physical spaces so much of the institutions of teaching as of the society. To the eyes of some included scholars, the society is considered exclusive, so it is not prepared to attend the bearers of special necessities.

Key-words: inclusion, education, society

Biografia

*Formada no Curso de Letras Português/Espanhol da Unibrasil, Pós-graduanda em Ensino da Língua e Literatura pela UTFPR.

Por ser uma inovação no sistema de ensino, a inclusão tem sido um grande desafio para as escolas e é um dos assuntos mais polêmicos entre o meio educacional e social. Receber alunos no ensino regular que apresentam uma diversidade de diferenças, permanentes ou temporárias, mais graves ou menos severos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação. E isso é um direito assegurado pela Constituição Brasileira, que garante que “Todos têm direito à educação.” Pensando desta forma, o governo tem sancionado leis que viabiliza o recebimento das pessoas portadoras de deficiências especiais. Porém, quando nos deparamos com a realidade dos espaços físicos, com o preparo e a capacitação dos pedagogos, dos educadores e profissionais da área, percebe-se que não há o suporte necessário para recebê-los.

Desde 2004, o Ministério da Educação e Cultura colocou em prática o Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, e tem recebido o apoio de vários municípios que atuam como multiplicadores da formação para outros municípios. Ainda na perspectiva de apoiar a implementação da educação inclusiva nas escolas brasileiras, a Secretaria de Educação Especial desenvolve, desde 2004, o projeto Educar na Diversidade, que tem como objetivo formar e acompanhar docentes destes municípios para que haja um desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas nas salas de aula.

De acordo com pesquisas realizadas pelo Censo Escolar/INEP¹ a matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais está crescendo cada vez mais, passando de 337.326 alunos, em 1998, para 640.317 em 2005. Isso só tem sido possível graças às ações destes programas, que aos poucos proporcionam melhores condições de acesso e permanência na escolarização para alunos especiais.

Os sistemas de ensino, paulatinamente, estão adequando suas estruturas para ampliar a inclusão de alunos especiais em classes comuns do ensino regular. Esse trabalho tem avançado significativamente, pois em 1998, eram apenas 43.923 alunos; em 2005, esse número chegou a 262.243 alunos, representando 41% do

1 Dados disponíveis no site www.aprendiz.com.br em 21/09/04

total das matrículas na Educação Especial.

Embora o governo esteja demonstrando uma preocupação em elaborar dezenas de projetos para incluir deficientes físicos nas escolas, verifica-se que isso não é o suficiente, pois, antes de tudo, é necessário possibilitar acessos em todo o complexo escolar. Embora as pesquisas demonstrem que a procura por escolas que dão o atendimento necessário a essas pessoas tem aumentado cada vez mais, nota-se que o Brasil ainda é um país excludente, pois a porcentagem de alunos inclusivos é ínfima.

De acordo com o psicólogo italiano Contardo Calligaris², que estuda a exclusão social do Brasil, são impossíveis projetos de inclusão funcionar quando a cidade onde o deficiente vive não oferece acesso físico para que ele tenha uma vida normal. Levando em conta esses fatores pode-se dizer que, no caso da educação, o resultado jamais será completo à criança especial. Ela se sentirá bem com a aceitação por parte dos colegas, porém ao deparar-se com os outros obstáculos se frustrará, podendo desistir da aprendizagem.

*Quem exclui é tão excluído quanto à pessoa que está sendo excluída, porque quem não convive com o outro se empobrece*³. Partindo desse princípio, verifica-se que o brasileiro não está preparado para conviver e precisa aprender a aceitar os portadores de necessidades especiais, principalmente nas escolas. É muito importante que as crianças cresçam convivendo com as diferenças e elas sejam tratadas de forma natural.

Na opinião do educador e escritor Rubens Alves, “as instituições educacionais são feitas em linhas de montagem. Muitas têm lindos projetos, belas idéias, mas são poucas as que adaptam seus ambientes. Não tem como tratar a inclusão de deficientes sem espaço físico para elas.”⁴ Infelizmente, isso é uma realidade brasileira. Falar da educação inclusiva para deficientes ainda é uma hipocrisia, pois quando se observa a forma como os ambientes físicos estão desenhados nota-se que eles não

2 Entrevista concedida ao site www.aprendiz.com.br em 21/09/04

3 Citação de Contardo Calligaris, psicólogo italiano.

4 Citação extraída da matéria sobre “Projeto de inclusão de deficientes nas escolas não é o suficiente” realizada pelo site www.aprendiz.com.br em 21/09/04

estão voltados para atender as necessidades dessas pessoas.

Na década de 60, algumas universidades americanas foram as pioneiras em se preocupar com a existência de barreiras físicas nos próprios prédios escolares, nos espaços abertos dos *campi* e nos transportes universitários e urbanos. Ed Roberts – que a noite precisava dormir dentro de um pulmão de aço devido à sua grave tetraplegia – e alguns colegas universitários, também com deficiências severas, convenceram a prefeitura de Berkeley, na Califórnia, EUA, a fazer as primeiras guias rebaixadas do mundo.

A princípio, o movimento procurou chamar a atenção da sociedade para a existência desses obstáculos e para a necessidade de eliminá-los ou, pelo menos, reduzi-los ao mínimo possível. Foi aí que se começou a falar em “adaptação do meio físico”. Hoje, essa cidade, como outras cidades americanas, está totalmente desenhada para possibilitar a integração do portador de deficiências especiais à sociedade. É importante mencionar ainda, que essa idéia contribuiu para que um prédio - que a princípio foi adaptado para receber os deficientes – possibilitasse aos arquitetos uma remodelagem nos projetos arquitetônicos e permitisse que fossem construídos prédios que são designados como “prédio para todos”. O mesmo se deu com o transporte coletivo, que hoje é chamado até pelos leigos de “transporte para todos”.

No Brasil, vale a pena mencionar o Programa de Educação para a Diversidade numa Perspectiva Inclusiva que está sendo realizado em Goiás⁵. O programa iniciou em 1999 através de uma sensibilização que motivou profissionais da área, levando-os a analisarem os critérios para a escolha das escolas que iniciariam o programa e a forma como esse seria desenvolvido. Em 2000 foi o lançamento oficial do programa que contou com duas mil pessoas e a presença do governador, Secretários Estaduais e representantes do MEC. 2001 foi um ano bastante significativo, pois o programa se expandiu contando com a participação de 315 escolas inclusivas, sendo 30 delas na capital e 285 no interior, atingindo todos os municípios goianos. A consolidação só

5 Sasaki, Romeu Kazumi. INCLUSÃO – CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE PARA TODOS. In: “Programa de Educação Inclusiva de Goiás”. pg. 127-130.

foi perceptível em 2002, quando houve a parceria com municípios que implantaram escolas municipais inclusivas com 150 prefeituras.

O processo inclusivo foi sempre acompanhado de recursos complementares, tais como vídeos que focalizavam os principais temas da educação inclusiva, apostilas fornecidas pelos palestrantes, instrutores e consultores, livros sobre educação inclusiva e cartazes de sensibilização e conscientização da comunidade. Como qualquer outro projeto, esse também enfrentou limitações e dificuldades. Porém, é possível dizer que o programa atingiu seus objetivos, conseguindo realizar a sensibilização, a implantação, a expansão e a consolidação sem traumas e propiciou motivos de orgulho e satisfação para milhares de pessoas.

A Escola Inclusiva tem como objetivo proporcionar aos alunos portadores de necessidades especiais classes comuns que possuam uma estrutura física bem montada, proporcionando ao educador um suporte técnico e psicológico, bem como, usar metodologias que visem não somente o desenvolvimento intelectual, mas que permitam às crianças “normais” a cooperação e interação com os deficientes especiais. Para isso, é fundamental o papel do professor, que deve estabelecer formas criativas de ensino, possibilitando a aprendizagem e levando em conta que os objetivos e processos são diferentes, pois cada criança, jovem ou adulto possui características próprias. É importante salientar ainda, que inclusão significa proporcionar ao professor e ao aluno especial condições para que os objetivos sejam atingidos.

As escolas têm um papel importantíssimo quando se trata da formação de pessoas que mais tarde se tornarão uma geração. É nos bancos escolares que se aprende a viver entre pares, a dividir as responsabilidades e a repartir tarefas. O exercício dessas ações inclusivas desenvolve a cooperação, o sentido de se trabalhar e produzir em grupo e também o reconhecimento da diversidade dos talentos humanos e valorização do trabalho de cada pessoa. Partindo desse princípio, pode-se dizer que a criança precisa da escola para aprender e não para marcar passo ou ser segregada em classes especiais e atendimentos à parte, tornando-as exclusas não só pelos seus problemas físicos, mas pela sua posição social ou capacidade de aprendizagem. Deve-se ter em mente que a partir do momento que se rejeita

alguém, automaticamente ela está sendo excluída da sociedade e isso pode trazer conseqüências para o indivíduo excluído e para a sociedade que o exclui.

REFERÊNCIAS

BUENO, José Geraldo Silveira. *Educação especial brasileira: integração/ segregação do aluno diferente*. São Paulo, EDUC, 1993.

FACION, José Raimundo. *Inclusão escolar e suas implicações*. Curitiba, Paraná, IBPEX, 2005.

ROSS, Paulo Ricardo. *Fundamentos legais e filosóficos da inclusão na educação especial*. Curitiba, Paraná, IBPEX, 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2005.

VOIVODIC, Maria Antonieta M.A. *Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2005.

<http://www2.uol.com.br/aprendiz> – acessado em 10/05/07

<http://gabrielchalita.cancaonova.com>- acessado em 10/05/07

<http://portal.mec.gov.br/seesp> acessado em 02/03/07

<http://www.pro-inclusao.org.br/textos> acessado em 10/05/07